
EDUCAÇÃO DE FILHOS NO SÉCULO XXI: AVANÇOS E DESAFIOS (ENTREVISTA COM LÍDIA WEBER)

FAMILY EDUCATION IN THE 21ST CENTURY: ADVANCES AND CHALLENGES (INTERVIEW WITH LÍDIA WEBER)

“Um dia, papai Marcus estava levando a filha Tatiana, que era pequenininha, para a escola. Ela lhe disse espontaneamente que, para ela, a parte mais importante do corpo não era o ‘cérebro’ nem o coração, mas a mão, ‘porque é com ela que a gente toca e faz carinho’. Ela foi tão convincente que seu pai acreditou piamente no que ela disse” (Weber, 2014, p. 7)¹

A partir da sua experiência de mais de 40 anos como psicóloga e pesquisadora, Lídia Weber dialoga sobre os desafios e avanços da educação de filhos na atualidade.

LUANA CAVICION: Hoje é mais difícil educar os filhos? Muitas vezes, quando a mãe tem um trabalho fora de casa, pesam sobre ela os trabalhos domésticos, e quando permanece o tempo inteiro dedicada à família, sente-se limitada nas suas possibilidades. Que diria às pessoas que experimentam estas contradições? Como conciliar a vida profissional e a familiar? Quais são os maiores medos dos pais?

LIDIA NATALIA DOBRIANSKYJ WEBER: Atualmente, é muito mais difícil educar filhos do que há algumas décadas. Geralmente as pessoas acham que essas dúvidas e contradições são bobagens; que os pais estão apenas perdendo a autoridade e que “antigamente é que funcionava”. Nesse sentido, as pessoas acabam colocando a culpa ou nas crianças – que são vistas tiranas e mimadas –, ou nos pais – estressados, sem tempo e sem capacidade para impor limites.

Em verdade, há mais coisas em jogo. Em primeiro lugar, é preciso considerar que a sociedade e a família **de hoje** são muito diferentes **de ontem**, quando os modelos eram hierárquicos, autoritários e patriarcais. Atualmente a família é considerada igualitária, nela todos os membros têm o mesmo status de importância, inclusive os filhos. Em segundo lugar, o mundo muda rapidamente, e inovações trazem tanto novos avanços quanto novos problemas. Existe um número enorme de crianças criadas em apartamentos, passando horas a fio jogando games, acessando internet e vendo TV. Existem muitas famílias com filhos únicos, o que faz com que as crianças tenham menos oportunidades de exercitar suas habilidades sociais em interações cotidianas, crescem no meio de adultos e acabam tendo interesses de adultos muito cedo. Além do mais, crianças de hoje recebem estimulação muito maior do que antigamente. Logo, há novos desafios na tarefa de educar os filhos.

¹ WEBER, L. (2014). *Eduque com carinho*. (5a ed.). Curitiba: Juruá.

Antigamente os pais queriam apenas filhos obedientes, então o modelo autoritário bastava... Hoje queremos filhos fortes, resilientes, que saibam viver e enfrentar as dificuldades do mundo. Não é necessário ficar o dia todo com os filhos (a não ser bebês pequenos!). Aliás, uma pesquisa realizada com quase 700 adolescentes,² revela que os filhos acham justamente as mães-donas-de-casa as têm as piores práticas educativas quando comparadas com outras mães com diferentes profissões, sendo as que mais gritam e usam punição corporal, de acordo com os jovens pesquisados.

As mães que ficam em casa, geralmente, o tempo todo pensam na organização da casa, na bagunça, bem como irritam-se com qualquer sujeira, e a socialização e educação dos filhos é muito mais do que isso – é participar, brincar, estar junto, entender, acolher a criança, deixar a criança experimentar o mundo, ensinar valores que façam com que a criança seja feliz consigo e com o mundo. Quem decidiu ter filhos precisa investir nessa parentalidade. A vida familiar envolvida e participativa é essencial, e, por mais que os pais trabalhem e fiquem fora de casa o dia todo, é preciso ter essa consciência da unidade familiar – os filhos devem ter certeza que os pais estão sempre emocionalmente presentes –, e aproveitar momentos juntos, finais de semana, almoços familiares, histórias na hora de dormir, acampamentos na sala... Hoje em dia, cada membro da família tem programa próprio e, dessa forma, os laços de afeto ficam mais frágeis.

Os pais precisam se preparar para ter filhos, estudar um pouco de desenvolvimento infantojuvenil, fazer cursos e *workshops*, como o Programa de Qualidade na Interação Familiar (PQIF) que criamos na UFPR e oferecemos para profissionais em todo Brasil.

LUANA CAVICION: Como ser um bom pai e uma boa mãe? Existe um manual para criar filhos felizes e perfeitos?

LIDIA NATALIA DOBRIANSKYJ WEBER: Primeiramente é preciso dizer que a perfeição não existe, nem para filhos e nem para pais. Não existe um único manual para comportamento geral de nada, pois cada ser humano é único, cada família tem seus próprios valores, seu comportamento moral e seu modo de encarar o mundo. No entanto, a Psicologia já pesquisa a interação de pais e filhos há mais de 50 anos e, enquanto ciência preocupada com estratégias de prevenção, tem respostas bastante claras sobre como educar uma criança.

Atualmente sabe-se que família é fundamental, mas ela é realmente tão importante para o desenvolvimento de crianças e adolescentes que pode ser tanto um fator de proteção, quanto um fator de risco.

² WEBER, L.N.D. & TON, C.T. (2011). Parenting practices and social skills of Brazilians youngsters. *International Journal of Development and Educational Psychology*, 1, 399-408.

Fatores de risco familiar são elementos que precedem e estão associados à alta probabilidade de resultados problemáticos para a criança. Fatores de risco encontrados nas pesquisas: comunicação negativa (gritar, xingar, falar demais), clima conjugal negativo (quando há brigas entre os pais), uso de punição corporal como castigo, ausência monitoria (não saber onde o filho está, ou com quem, nem o que faz quando não está na escola), regras inconsistentes (quando uma regra depende do humor dos pais e não de princípios estabelecidos) e hostilidade (uso de comportamentos coercitivos, como punições, ameaças e abuso verbal).

Os fatores de proteção são aqueles que ajudam a pessoa a tornar-se uma pessoa mais forte, mais resiliente. Pesquisas identificam os seguintes fatores como fundamentais em uma família: presença de afeto e envolvimento dos pais na vida dos filhos, pais atentos e responsivos, uso sistemático e consistente de regras e monitoria, comunicação positiva, apresentação de modelos morais para os filhos e clima conjugal positivo. Uma família que promove frequentemente comportamentos que trazem “proteção”, seria como uma “vacina emocional”, com a qual a criança, mais tarde o adolescente e, depois, o adulto, terá forças para enfrentar as adversidades da vida. Então o que eu escrevo e falo sobre o tema não é mera opinião minha, está embasado em evidências científicas.

LUANA CAVICION: Educar, na prática, não é tarefa fácil. Pode dizer-nos algumas ideias-chaves para a educação dos filhos?

LIDIA NATALIA DOBRIANSKYJ WEBER: Tenho um livro, *Eduque com Carinho: equilíbrio entre amor e limites*, já em sua 6ª edição e também publicado na Espanha, que traz 12 princípios para uma Educação Positiva. Existe um livro para pais e outro para filhos no mesmo box. Apesar de existirem muitos livros que falam sobre maneiras que os pais devem usar para socializar seus filhos, alguns poucos são baseados em estudos, e a maioria é embasada, ou por experiência clínica de consultório, ou experiências pessoais, o que leva a pouca informação científica, e muitos “achismos”. Mas nesse rol de livros nas prateleiras não existia nem um que também pensasse em abordar a criança enquanto protagonista dessa história, afinal, as práticas educativas não ocorrem no vazio, mas são, justamente, uma interação entre pais e filhos. Todos fazem parte da história. O livro para crianças pode ser usado pelos pais como apoio, como um tipo de vínculo, ou seja, podem ler para os filhos, ou pedir para eles lerem etc. Ao mesmo tempo, pensei de a criança estar já incorporando em seu repertório de comportamentos as habilidades especiais para educar os seus próprios filhos...

As pesquisas internacionais e as que tenho realizado ao longo de mais de trinta anos como professora e pesquisadora revelam fatores positivos e negativos incorporados nas práticas educativas que os pais usam com os filhos. Nesse meu livro, agrupei em “princípios” a serem seguidos. Criar bem um filho é proporcionar oportunidades para que ele saiba enfrentar o mundo, saiba amar e ser amado e procure a sua própria felicidade.

Princípio 1 – Amor incondicional

Princípio 2 – Conhecer os princípios do comportamento

Princípio 3 – Conhecer o desenvolvimento de uma criança

Princípio 4 – Autoconhecimento

Princípio 5 – Comunicação positiva

Princípio 6 – Envolvimento

Princípio 7 – Usar consequências positivas: reforçar, elogiar, valorizar

Princípio 8 – Apresentar regras

Princípio 9 - Ser consistente

Princípio 10 – Não usar punição corporal, mas consequências lógicas

Princípio 11 – Ser um modelo moral

Princípio 12 – Educar para a autonomia

LUANA CAVICION: Como aliar a autoridade e a liberdade na relação entre pais e filhos? É possível ter autoridade com os filhos sem usar punições e castigos?

LIDIA NATALIA DOBRIANSKYJ WEBER: Deixar a criança sem ver TV porque ela não estudou para a prova e tirou nota baixa é uma punição, é um castigo. Há momentos em que eles podem ser usados. Em verdade, deve-se usar o que se chama de “consequências lógicas” de uma regra: a criança ficou vendo TV demais e não estudou para a prova e, portanto, tirou nota baixa; então, para recuperar a nota, ficará sem ver TV para estudar. Crianças um pouquinho maiores recebem consequências sim: se sujou a parede com lápis, vai limpar; se quebrou o brinquedo do irmão, vai economizar para comprar outro; se xingou deve pedir desculpas... Mas a palavra-chave é consistência. Os pais devem prometer e cumprir, não fazer ameaças vazias (do tipo, “vou chamar o homem do saco para levar você”, ou “mais uma dessas e você vai ficar seis meses sem ver TV”). Crianças muito pequenas precisam mesmo de acolhimento, supervisão e brincadeiras; estão em uma fase de explorar o mundo. Você pode dizer para uma criança de três anos, “aqui não pode”... mas é melhor guardar os seus cristais na prateleira de cima do que ficar gritando “nãos” o dia todo, ou esperar que ela almoce sem derrubar um único grão de arroz no chão. Entre dois e cinco anos a criança começa a desenvolver comportamento moral, ou seja, perceber a diferença entre certo e errado em comportamentos, intenções e pensamentos. A parte mais importante é o modelo moral apresentado pelos pais, é a forma que os pais valorizam o comportamento desejado do filho e ensinam a lidar com emoções, o que se chama de habilidades socioemocionais.

A punição corporal – tapas, palmadas e surras – nunca deve ser usada. Nunca. Nem um tapinha. Não precisa usar e não funciona a longo prazo. Antigamente, não se sabia que, mesmo palmadas, podiam trazer consequências negativas; hoje se sabe que as palmadas e surras, no mínimo, não adiantam nada e, no máximo, podem trazer sérios prejuízos para a criança; além disso, dessa maneira a primeira coisa que ensinam para a criança é que a violência serve para solucionar problemas! Não existe “palmada educativa”! 99% das palmadas são dadas justamente com raiva e mostram ausência de autocontrole emocional. A punição corporal tem raízes históricas muito antigas, do tempo em que a criança era considerada um ser inferior, sem grande valor enquanto criança. Disciplina não é sinônimo de punição, e sim de guiar o discípulo, ensinar, educar, mostrar o modelo certo. Existem inúmeros argumentos, científicos, éticos e morais, que mostram que surras e palmadas não devem ser utilizadas como práticas educativas pelos pais. Do ponto de vista da ciência, a punição corporal é ineficaz a longo prazo, além de trazer importantes danos emocionais, psicológicos e sociais. Do ponto de vista da ética, a punição física é condenável, uma vez que existem diversas sanções para pessoas que agredem o seu semelhante. Por que, então, na relação familiar, permite-se, tolera-se e até, incentiva-se que os pais batam em seus filhos? Todos têm proteção menos as crianças?

LUANA CAVICION: Ter uma família estável, com paz, é sem dúvida desejo de todos. Mas na convivência diária no casamento e na família há questões ou grandes discussões, e muitas vezes diversidade de opiniões entre pais e filhos. O que é “tempo de qualidade com o filho”? Como fazer para que o amor e o envolvimento estejam mais presentes na vida familiar?

LIDIA NATALIA DOBRIANSKYJ WEBER: É preciso pensar de forma mais ampla. Os pais devem entender como prioritária essa tarefa tão complexa e fundamental de educar filhos. Não precisam ficar o tempo todo achando erros, questionando, colocando regras absurdas, as quais a criança nem está pronta para entender. É preciso escolher as batalhas certas. Repensar por que você está colocando essa ou aquela regra? Quais valores você gostaria que seu filho aprendesse? Como você espera que ele se vire no mundo e de que foram ele vai tratar as pessoas e a vida? Educar é equilibrar o amor e o afeto de um lado, e as regras e os valores morais de outro. Este é o melhor modelo para o desenvolvimento saudável de uma criança, que aprende a amar e a ser amada, a ter um porto seguro em seu lar e com seus pais, e também aprende as dificuldades da vida, a lidar com limites e com frustrações, a fazer o seu próprio esforço para conseguir o que deseja e lutar por isso.

Os pais sempre devem lembrar a poesia de Kalil Gibran “Vossos filhos não vossos filhos, mas são filhos da Vida”; isso significa que os pais também devem educar para a autonomia, pois a criança é do mundo e eles não poderão e nem deverão fazer tudo por ela e superprotegê-la de tudo. “O navio está seguro, quando atracado no porto. Mas não é para isso que se fazem navios”, disse uma pensadora americana. Há algum tempo se fala que é melhor passar pouco tempo com qualidade do que muito sem qualidade. Em tese isso é verdadeiro, mas devemos lembrar que ter um tempo de qualidade e 15 minutos por dia não é suficiente para educar com

qualidade. Na prática, isso se traduz, em primeiro lugar, na reflexão dos pais sobre as prioridades de sua vida. Todos precisamos trabalhar, sempre é bom ter mais dinheiro, ou poder, ou sucesso, mas educar uma criança é um trabalho gigantesco e extremamente importante. Ninguém nunca viu alguém no final da vida, falando que deveria ter passado mais tempo em seu escritório, mas frequentemente ouvimos as pessoas dizendo, e nem precisa ser no final da vida, que deveriam passar mais tempo com seus filhos.

Tempo de qualidade é estar envolvido na vida do seu filho, é ter real interesse pelo que ele faz e pensa, é também aprender com ele a jogar um videogame, é buscá-lo na festa de madrugada, é perguntar sua opinião para as decisões da família. Tempo de qualidade é pedir licença no seu trabalho porque hoje seu filho tem uma competição de basquete, ou porque há uma festa no dia das mães na escola do seu filho. Tempo de qualidade é chegar cansado em casa e sentar com seu filho para ajudá-lo com a tarefa da escola ou ler uma história porque seu filho está muito triste porque brigou com um colega na escola; colocar sua novela para gravar e sentar e brincar de verdade junto com seu filho, ou assistir ao filme duvidoso que seu adolescente quer ver junto com ele. Eu sempre digo para os pais que a infância (e a adolescência) passa muito rápido. Aproveitem seus filhos ao máximo.

É primordial entender que amor de mãe e de pai não é instintivo e nem é possível adquiri-lo: é um sentimento que se constrói. Logo, para amar de fato um filho, é preciso semear, cuidar e até fazer sacrifícios; é o que se denomina de “**investimento parental**”. Para ser uma boa mãe e um bom pai e manter o “poder/dever familiar”, deve-se amar o filho, sem dúvida, mas é preciso algo mais: transformar esse amor em ação.

Lidia Natalia Dobrianskyj Weber. Psicóloga (CRP 08/0774). Doutora e mestre em Psicologia Experimental pela USP, com pós-doutorado em Saúde e Desenvolvimento Humano pela UnB. Professora aposentada do Departamento de Psicologia. Atual professora sênior e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR. Autora de 13 livros, entre eles “Eduque com Carinho: equilíbrio entre amor e limites” e “Família e Desenvolvimento Humano” (Editora Juruá). Mãe de Tatiana e Erik. *E-mail: lidiaw@uol.com.br*

Luana Cavicion. Psicóloga. Mestranda em Educação pela UFPR. Docente no curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. *E-mail: luana.gomes@fae.edu*

Recebido em: 29-03-2018

Primeira decisão editorial: 30-03-2018

Aceito em: 18-05-2018